

**LETRAMENTO E ORALIDADE EM COMUNIDADES RIBEIRINHAS: AS
EXPERIÊNCIAS SOCIOCULTURAIS DOS MORADORES DA VILA INTEL,
BREVES (PARÁ)**

Erika Rodrigues Cavalcante (Graduanda – UFPA)
Pâmela Beatriz Ferreira Pelegrini (Graduanda – UFPA)
Orientador: Prof. Dr. Eunápio Dutra do Carmo

Resumo: Este trabalho objetiva traçar uma compreensão social e antropológica acerca do letramento, traçando diálogos com o contexto vivenciado por moradores da comunidade ribeirinha Vila Intel, localizada na zona rural do município de Breves, Marajó, Pará. A metodologia adotada constituiu-se em levantamento bibliográfico e observação simples com foco nas relações socioculturais ribeirinhas, utilizando como instrumentos visitas in loco e grupo focal. Parte-se da reflexão analítica de autores que discutem modos de vida ribeirinhos, suas origens e identidade cultural, marcadores do embasamento teórico que articula educação, cultura e identidade. Nesta direção, faz-se uma breve contextualização histórica sobre a origem dos povos ribeirinhos amazônicos marajoaras. Street (1984, 1995, 2006), Soares (2009) e Kleiman (2003), entre outros autores, discutindo letramento e analisando usos da escrita como produto das interações no campo social e das experiências desenvolvidas nas práticas sociais em sociedades tradicionais, nos guiaram na discussão de eventos e práticas de letramento no lócus em tela. Como resultado, a observação e conversas com os sujeitos evidenciaram sentidos referentes a usos de escrita e leitura no meio social, práticas de letramento atravessadas pela oralidade, a identidade cultural como elemento influente em sua apropriação de práticas de letramento e oralidade. A pesquisa também ampliou a compreensão dos autores sobre o letramento na comunidade ribeirinha em questão, além de suscitar o debate para a mudança de sociabilidades em tal território por influência das instituições sociais e modos de vida urbanos. As práticas ribeirinhas revelam dimensão de consciência ambiental oriunda de uma herança indígena, bem como grande riqueza de saberes, reafirmando a ideia de que o território educa, ensina e politiza o ser que nele vive.

Palavras-chave: Letramento e oralidade; Saberes Ribeirinhos; Cultura; Identidade; Marajó.

1 Introdução

Letramento é “o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita” (SOARES, 2009, p.18). Socialmente variado e complexo, o Letramento é manifestado em diversos lugares e contextos, sendo, por isso, necessário irmos para além de sua dimensão técnica, visualizando traços culturais e qualitativos que se localizam fora do contexto escolar. Tratamos, assim, de práticas sociais de letramento(s), que dizem respeito a uma dimensão ideológica relacionada a contextos e questões de poder (STREET, 2006, p. 466). O letramento se relaciona com a identidade dos sujeitos na medida em que abrange comportamentos, papéis sociais e práticas cotidianas, pois os

sujeitos, dotados de pessoalidade e atravessadas por identidade, articulam ideologias dominantes e subordinadas, ressignificando elementos presentes em sua realidade. Da mesma forma, os letramentos expressam estruturas dominantes/vernaculares visíveis, influentes no que significa ser um sujeito em dado contexto. Assim, relacionar-se com práticas de letramento significa relacionar-se com as identidades a elas associadas (STREET, 2006, p. 469-470).

Este estudo, realizado no decorrer de nossa participação em atividades de um projeto de extensão universitário que ocorreram na comunidade ribeirinha Vila Intel (Marajó, Amazônia), busca compreender a dimensão social de letramento(s), entrelaçada nas experiências socioculturais da referida comunidade. Nesse sentido, adota-se uma abordagem antropológica para apreender saberes, práticas, cultura e identidade ribeirinhos construídos na relação com o espaço habitado, refletindo também sobre como letramentos locais interagem com o letramento dominante (ROJO, 2009 apud EUZÉBIO, 2012) no cotidiano do lócus de pesquisa, situado na zona rural do município de Breves, Marajó, Pará.

A Vila Intel reconstitui-se a partir de uma antiga delimitação de terra, espaço onde anteriormente uma empresa coordenava a realização de atividades de extração madeireira. Residem na vila moradores de todas as faixas etárias e sexos, com acesso a uma única escola de ensino fundamental (níveis 1 e 2) de classes multisseriadas. São eles os sujeitos da pesquisa.

Faz-se pertinente registrar que nosso estudo se situa no direcionamento teórico dos Novos Estudos de Letramento (NLS – New Literacy Studies), e, portanto, procura trazer uma abordagem contextualizada e múltipla sobre as práticas de letramento, que diferentemente manifestadas entre distintas sociedades, expressam relações com lugares e papéis sociais respectivamente ocupados e exercidos. (SOUZA, 2009, p. 30).

A priori, realizou-se levantamento bibliográfico, que permitiu compreensão teórica sobre letramento e também sobre a formação dos povos ribeirinhos da região. Procedemos ainda com a metodologia da observação simples junto aos moradores, visando relacionar dados empíricos às

considerações teóricas e apreender possíveis novas informações relevantes sobre a comunidade. Esta observação se deu em meio às atividades corriqueiras dos sujeitos da pesquisa, e buscou capturar informações, pontos de vistas e contatos com a cultura e os saberes, no que pudessem contribuir para a compreensão de suas práticas sociais de letramento, relacionando, quando possível, com a oralidade.

Quanto à estrutura do trabalho, a definimos conforme o seguinte: A presente seção introdutória, seguida de um desenvolvimento composto por três capítulos - o primeiro fazendo uma abordagem teórica sobre o que se pode entender por processos de letramento a nível geral e o caráter social do fenômeno; o segundo trata de uma abordagem sobre identidades e letramentos, direcionando suas considerações para a caracterização do lócus; e o terceiro, pondo em foco dados empíricos, demonstra pontos de vistas da comunidade e escola sobre leitura e escrita. Assim, tendo introduzido o leitor ao estudo, seguem-se os capítulos da seção que o desenvolve.

2 Letramentos sociais: abordagens conceituais e aspectos ideológicos

O letramento é um campo de estudos interdisciplinar – educativo, linguístico, psicológico, humano e social –, bem como um processo da vida (RIOS, 2010, p. 78 apud FOSCACHES; RIOS, 2017). Estuda sobre a produção e utilização de textos, abrangendo como a escrita está inserida em práticas sociais. Sendo conceito complexo e de difícil explicação, abarca grande conjunto de “conhecimentos, habilidades, capacidades, valores, usos e funções sociais” (JUSTO; RÚBIO, 2013, p. 7-8). No registro de Brian Street (1995), é um processo socio-histórico de aprendizado e utilização de leitura/escrita em contextos específicos – portanto, um conjunto de práticas plurais e variadas –, podendo ser classificado em dois grupos/modelos: o autônomo, referente a habilidades individuais de leitura e escrita; e o ideológico, que aborda práticas sociais que envolvem leitura e escrita em geral.

O Modelo Autônomo de Letramento acha-se historicamente atrelado a instituições escolares, corroborando o pensamento de que a leitura seria “um processo neutro, independente de considerações contextuais e sociais”

(KLEIMAN, 2003, p. 44). Atribui-se, assim, relevância exclusiva a aspectos linguísticos, desconsiderando aspectos culturais e conhecimentos adquiridos no meio social, concebendo a escrita como tecnologia a ser dominada, na condição de elemento ligado à lógica, sendo a única desenvolvedora de abstração dos sujeitos, o que caracteriza uma dicotomia com a oralidade – relacionada à linguagem interpessoal –, colocando-a em segundo plano. Por seu turno, o Modelo Ideológico de Letramento trata leitura e escrita como práticas interligadas às estruturas sociais de poder e cultura, pautadas numa perspectiva de uso – e não de tecnologia – variante entre as culturas, onde não há dicotomia entre oral e escrito. Não se nega, neste último modelo, a escolarização – que é um direito social –; sua abordagem se põe a contribuir na inserção social e na formação dos sujeitos (STREET, 1984; 2003; 2007 apud EUZÉBIO, 2012).

Conforme Foscaches e Rios (2017, p. 450), a escolarização desenvolve ideologias sobre a escrita, que arrogam uma suposta superioridade intelectual a quem das letras se apropria; visão esta que perpetua hierarquias sociais. Na verdade, argumentam os autores, o conhecimento não é adquirido necessariamente e/ou exclusivamente através da escrita. Essa relação automática e imediata entre domínio do código e o que o senso comum visualiza como “raciocínio lógico superior” é acreditada pelo Modelo Autônomo de Letramento (STREET, 1984). Em contraste, o Modelo Ideológico de Letramento (STREET, 1984) propõe ser a referida relação uma mera representação ideológica, que pesa na visão social sobre os sujeitos, parecendo “favorecer a exploração dos homens antes de iluminá-los” (LÉVI-STRAUSS, 1957, p. 318 apud FOSCACHES; RIOS, 2017, p. 451).

Ao tratarmos sobre letramento, é importante e pertinente considerarmos a diferenciação entre suas práticas e seus eventos. Consoante a Euzébio (2012, p. 4), eventos de letramento podem ser definidos como episódios, ações e atividades em que a escrita/leitura está presente, sendo, portanto, observáveis. As práticas de letramento, por sua vez, significam a maneira como culturas usam letramento ao participar do evento letrado, sendo, assim, fenômenos subjetivos, que “envolvem valores, atitudes, sentimentos e relações sociais”.

Dado que os letramentos são situados socio-culturalmente, alguns deles são dominantes e outros marginalizados, com base em relações de poder, tal como entende Street (1984). Nesse sentido, retomando Euzébio, entende-se por letramentos dominantes aqueles que derivam de instituições formais da sociedade, e letramentos vernaculares (ou locais) como oriundos do cotidiano usual, tangendo práticas que também expressam identidades socioculturais.

Importante salientar que os letramentos, por serem um conjunto de práticas sociais, são atravessados e rearranjados por identidades e culturas das unidades sociais, espaços nos quais sujeitos viventes se inserem em atividades cotidianas permeadas pelo uso da leitura/escrita. Neste sentido, e norteados pela discussão teórica aqui traçada, buscaremos abordar, nas seções seguintes, a relação entre a identidade ribeirinha local com as práticas e eventos de letramento, o contato entre letramentos locais e dominantes expressos no dia a dia da comunidade ribeirinha Vila Intel, bem como a influência e perspectivas da instituição escolar comunitária nesses processos.

3 Identidades e letramentos: um diálogo com o contexto da comunidade ribeirinha Vila Intel

Atualmente, falar sobre identidade implica considerar ganhos e perdas desta a nível individual e/ou coletivo, superando um caráter exclusivamente autônomo no que respeita modos de ser e agir de sujeitos sociais. Identidades são construídas e desempenhadas por pessoas em práticas sociais contextualizadas, sendo múltiplas e diferenciadas como os letramentos. Questões de ordem cultural, socioeconômica, política e epistemológica da história recente nos trazem o desafio de “repensar letramento e identidade”, a partir de possibilidades em vários campos científicos, sejam linguísticos, antropológicos, culturais, identitários, entre outros (SILVA, ASSIS E BARTLETT, 2013, p. 9).

A identidade cultural está dentro da identidade social, relacionada a recortes como classe, idade, sexo, nação, etc, ou seja, uma localização social. No entanto, todo grupo possui uma identidade que o define e o localiza na sociedade de maneira geral. (CUCHE, 2002, p. 176-7, apud FERREIRA, 2012). Ao propor uma caracterização das comunidades campesinas amazônicas,

deve-se tomar o cuidado de não reproduzir o estereótipo de espaço bucólico, romantizado, puro, harmonioso, e ao mesmo tempo de miséria e merecedor de piedade – visão esta atribuída pelo discurso urbanocêntrico. Cabe, antes, considerar “o que aquela própria sociedade pensa de sua própria condição de vida” (FERREIRA, 2012). Diante disso, o que buscamos enquanto caracterização identitária e cultural dos moradores da Vila Intel é uma associação entre elementos apreendidos em discussões teóricas sobre as populações ribeiras da Amazônia Marajoara e informações presentes nos relatos dos próprios moradores da Vila, em entrevistas para nossa pesquisa.

A Vila Intel, comunidade ribeirinha pertencente à zona rural do município de Breves, Ilha de Marajó, Pará, localiza-se na margem esquerda do rio Parauaú, e seu processo de ocupação se deu com base na fixação de sujeitos por conta da extração de madeira coordenada por uma empresa, homônima à vila, da qual a denominação do espaço se originou. No início das atividades da empresa, foi utilizada a mão de obra de pessoas que muitas vezes não contavam com escolarização, ou que abriram mão desta por conta do trabalho. Ao se deparar com a falência da madeireira, os habitantes e então trabalhadores mantiveram-se habitando o local até os dias atuais.

As residências e a estrutura da vila são simples. As casas são, em maioria, construídas no mesmo padrão, por uma determinação da empresa. A comunidade dispõe de uma única instituição de ensino, com classes multisseriadas e poucos recursos, o que faz com que seu processo educacional apresente particularidades em relação ao da sede urbana.

A Vila Intel um território que carrega identidade sociocultural originária de povos tradicionais. Tal herança é entendida como resultado da mescla das sociabilidades ancestrais de diversas tribos indígenas, a qual formou o grupo conhecido como “tapuios”. Tal como afirma Arenz (2000), “os tapuios espalharam-se ao longo das beiradas dos rios [...], lugares ocupados até hoje por seus descendentes, os ribeirinhos.” Esses povos, atravessando e reexistindo por diferentes dinâmicas do contexto amazônico, trazem consigo saberes, práticas, valores, culturas e estéticas, construídas e reconstruídas em zonas de contato com outros povos, formando as bases características de seu viver. Sarraf-Pacheco (2012) considera que o povo campesino marajoara se formou a partir de compartilhamentos e

empréstimos de sociabilidades culturais principalmente entre povos indígenas e negros, o que o faz optar por alcunhar as identidades oriundas destes espaços como “afroindígenas”.

O modo de vida dos sujeitos da comunidade na qual pesquisamos insere-se num paralelo de influências simultâneas de instituições sociais e do ritmo da natureza. Seu povo possui características culturais convergentes ao que Ferreira (2012) denomina “ribeirismo”, praticando formas de existência mediadas por seu território: comunicar-se constantemente com o céu, afim de interpretar o clima e o horário; despertar antes do nascer do sol; realizar a colheita do açaí para alimentação; usar embarcações no fluxo de pessoas e objetos; interpretar e nomear as marés por denominações como “viva, morta, de lua, de quebra, maré grande, etc.”, tendo elas uma influência sobre suas atividades cotidianas; se utilizar das redes para dormir, como uma legítima herança indígena, dentre outros aspectos que ilustram a cultura local. Os moradores da Vila Intel, nos diálogos de nossos contatos, definiram suas identidades principalmente associando-as a atividades comuns de seu dia-a-dia: a pesca, a caça, a agricultura, o extrativismo, a navegação, o comércio em pequena escala com a zona urbana, etc.

Os moradores valorizam a cultura ribeira, orgulham-se de sua descendência, de seu modo de vida, e não pensam em sair da vila, dado já possuírem uma forte identificação com o território. Os adultos da comunidade reconhecem que os moradores da cidade têm seus conhecimentos geralmente provenientes dos livros e das instituições escolares, no entanto lembram que também possuem um conhecimento que merece ser valorizado, que não se origina majoritariamente nas instituições, mas no território. Para estes sujeitos, seu próprio conhecimento tem grande valor, da mesma forma que o saber urbano.

Os conhecimentos ligados à vivência e ao contexto dos sujeitos, como veremos no decorrer de nosso estudo, são elementos influentes sobre suas práticas e aquisições de letramento. Conforme Soares (2009, p. 74), “letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e de escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais”. Essa referência a usos da leitura e da escrita conectam-se com o modelo ideológico de letramento

(STREET, 1995), onde elementos técnicos da linguagem se inserem em estruturais socioculturais, estando seu uso sujeito às mesmas.

Street (2006), apoiado em Kulick e Stroud, defende, ao invés de ver “como o letramento afeta as pessoas”, antes, “examinar como as pessoas afetam o letramento” (p. 475), aplicando habilidades letradas para satisfazer propósitos e necessidades próprios, apoderando-se do fenômeno e incorporando a ele novo caráter, para além de convenções formuladas a priori, sendo prova de que processos de letramento partem também de concepções sociais externas à escola. Desse modo, notamos que o sentido de as identidades culturais de uma comunidade influenciarem as suas práticas de letramento está localizado no fato de que, ao se apropriar de eventos nos quais se usa leitura/escrita – mesmo aqueles vistos como dominantes –, esses eventos são adaptados aos seus propósitos, são trazidos para o seu contexto e utilizados em seu cotidiano, e estando imbricados nas práticas que constituem sua identidade, são enriquecidos no decorrer do processo com todo o valor cultural que esses sujeitos carregam.

A produção de letramentos locais, dentre o que pudemos observar pode se dar através da escritura de cartas, fenômeno percebido principalmente entre os mais velhos. Essas cartas são enviadas por meio das embarcações a amigos e parentes de se localizam em comunidades vizinhas ou mesmo na cidade sede da vila, e sua finalidade é principalmente dar informações e recados a respeito de acontecimentos familiares. Quando a pessoa mais velha não detém o conhecimento do código da escrita, frequentemente pedem aos mais jovens que tiveram contato com a alfabetização escolar para que, ouvindo seu ditado proferido oralmente, escrevam as cartas a partir de seus dizeres, fenômenos onde vemos eventos de letramento interligados à oralidade. Geralmente as cartas expressam sentimentos, como o afeto e a saudade, além de trazerem nos seus textos, por vezes, valores e crenças religiosas das quais praticam e compartilham. Outras vezes, os textos das cartas dizem respeito a instruções, pedidos, listas de compras e outras comunicações de caráter usual. Tais apreensões nos fazem pensar no quanto o uso da comunicação escrita pode ter finalidades variadas e como pode ser expressão de sentimentos tão íntimos ao mesmo tempo em que referencia sua identidade e cultura através de valores e

concepções religiosas partilhadas entre os membros da comunidade, questões essas que, se vistas a priori pela lógica do letramento dominante ou que se trabalha majoritariamente na escola da comunidade, têm sua validade questionada enquanto artefatos para eventos de letramento.

Os textos escritos por uma comunidade fora da escola e localizados em sua organização social são considerados como “textos vernaculares”, estando inseridos numa cultura não institucional/elitizada, ou seja, “distinta dos padrões uniformes”. (CAMITTA, 1992 apud STREET, 2006, p. 479). O material escrito por moradores da vila Intel em eventos de letramento vernacular a que tivemos acesso são notas, cartas, textos copiados e poemas autorais, o que demonstrou a presença de uma apropriação do letramento pelos moradores, na qual a vontade de escrever se fazia presente nos momentos fora da escola – momentos em que não havia qualquer coerção linguística. Tais textos, observados por nós durante as experiências vivenciadas enquanto parte de ações do projeto de extensão na vila, geraram ainda, nos momentos em que estivemos presentes, discussões entre os autores e pesquisadores sobre seu conteúdo, sendo lidos em voz alta e comentados. Assim, na esteira do que registra Camitta, vimos, também, uma escrita ocorrendo em “condição de literatura e desempenho orais, [...] no contexto da comunicação face a face” (CAMITTA, 1992 apud STREET, 2006, P. 480), o que contribui para pensarmos no letramento junto à oralidade, uma vez que estivemos “em contraste com os modelos convencionais que supõem o uso da fala para a comunicação face a face e da escrita para a comunicação do autor ausente” (SHUMAN, 1987 apud STREET, 2006, p. 481).

A exemplo dos resultados concebidos por Weinstein-Shr (1992 apud STREET, 2006), indivíduos que tem pouca afinidade com aulas formais, porém se utilizam habilidosamente do letramento para reforçar sua própria cultura, adaptam o letramento a seus propósitos pessoais, mediando um “acréscimo ao repertório comunicativo de sua comunidade”, contrariando resistindo a passividade pura diante do letramento global. Estudar sobre o letramento de uma comunidade permite compreender traços de sua organização social. Nesse sentido, um olhar antropológico é útil nessa compreensão, traçando conexões com questões culturais.

4 Experiências socioculturais em letramentos: agenciamentos e relações dominante/vernacular

Lançar mão de uma abordagem sociocultural de letramento significa compreender, também, de que maneira sujeitos “constroem, assumem, transformam ou preservam suas identidades sociais” nas práticas letradas (p. 12). Entende-se, assim, que usos sociais de leitura e escrita são fenômenos nos quais se assume e/ou se negocia posições identitárias (IVANIC, 1998; GEE, 1996; BARTLETT, 2005; KLEIMAN 1995 apud SILVA, ASSIS E BARTLETT, 2013, p. 13)

Apropriar-se da leitura e da escrita pode significar a possibilidade de uma negociação frente a cenários de dominação social, pois a cultura dominante busca incutir um único letramento, fazendo com que os demais sejam marginalizados. Sob a consideração de um letramento dominante, Street (2006) versa que o mesmo se torna padrão por uma questão de poder, apesar de ser apenas uma entre suas variedades. Diante disso, surgem questões importantes: como se dá essa dominação e como letramentos outros, em contextos específicos, são agências e resistências para manutenção de identidades que foram colocadas à margem.

Se falamos de experiências socioculturais relacionadas a letramentos, é importante nos atentarmos tanto quanto para como o contexto exerce influência sobre o letramento praticado pela comunidade quanto para como a escola e os educadores tem sua atuação no direcionamento dessas práticas. Segundo Collins (2015), a escola tem papel preponderante para, através do tratamento dado ao letramento no processo de ensino aprendizagem, reproduzir ou diminuir formas de desigualdade social atreladas a práticas de letramento, visto que, nesse contexto, a avaliação de bons ou maus leitores com base em habilidades técnicas e interpretativas em caráter autônomo é um dos fatores que estão na base da hierarquização escolar. Rejeições e correções referentes à utilização da variedade não padrão da língua estão relacionadas a projetos escolares de promoção de uma variedade “padrão” universal de letramento.

Na escola situada na Vila Intel, os professores, durante as entrevistas de nossa pesquisa, nos informam de que, no que tange a oralidade, não costumam empregar correções aos termos utilizados pelos alunos em suas

conversas sobre conteúdos ou discussões nas aulas. Por outro lado, quando se trata da escrita, eles buscam fazer com que os alunos se adequem à norma padrão da língua e que vejam ela exatamente como uma tecnologia que deve ser por eles dominada, o que para nós apenas confirma neste caso a presença da tendência histórica das instituições escolares em se vincular majoritariamente à vertente autônoma de letramento, na qual essa visão tecnológica sobre a escrita, como já destacamos, se faz imbricada.

Sá Júnior e Mello (2008), numa abordagem empírica e etnográfica sobre letramentos, nos trazem proveitosas reflexões sobre a contribuição de tradições orais e textos orais da cultura popular no processo de letramento. Se compreende que a cultural oral de um núcleo se relaciona a suas identidades e propósitos e pode ser um alicerce para letrar-se de maneira ideológica, ou seja, trata-se de construir concepções de letramentos tendo como alicerce os textos orais.

Ao conversarmos com os educadores da escola situada na Vila, ficou bastante perceptível por seus relatos que “os alunos sempre trazem da realidade deles algumas coisas pra discussão da aula... aí a gente avalia se é possível fazer essa relação com os conteúdos ou não” (PROFESSOR DA VILA INTEL, ENTREVISTA DE CAMPO, 2019), e que esse conhecimento baseado na sua experiência de vida tem raízes fortes nos textos orais do cotidiano (mas também nos textos escritos vernaculares), em suas memórias culturais e práticas sociais: falamos aqui das narrativas ribeirinhas, de conhecimentos aprendidos no lidar diretamente com a natureza, florestas, rios e embarcações, de cânticos e práticas devocionais, dos textos produzidos pelos moradores com o propósito de usos cotidianos, dentre outros. No entanto, ao questionarmos qual seria, na outra mão, a postura adotada pela escola no que diz respeito a uma busca no conhecimento desse conjunto de conhecimentos e práticas, as respostas nos permitiram interpretar uma certa impermeabilidade frente aos letramentos locais. Além do mais, o fato de avaliar quais textos e elementos contextuais seriam ou não passíveis de serem relacionados aos conteúdos ministrados corrobora à linha de pensamento segundo a qual apenas algumas poucas produções do cotidiano seriam eficazes no processo educativo escolar, o que torna o aprendizado dos

letramentos dominantes ainda mais afastado de uma hibridização com suas manifestações vernaculares.

João David Pinto-Correia (apud Sá Junior e Mello, 2008, p. 5) identifica e classifica textos orais conservados em memória em macroconjuntos chamados "Gêneros da literatura oral e tradicional (1993), que são: prático-religioso, narrativo-dramático e composições dramáticas. Eles suscitam simbolicamente memória e imaginário social – elementos inerentes a todos os povos – por meio de expressões culturais, tradições e costumes. "A oralidade [...] [é] uma das modalidades do sistema linguístico que, junto com a escrita formam o processo de construção do pensamento humano", portanto, ao tratar dos gêneros da literatura oral, falamos de uma "natureza mista entre o oral e o escrito" enraizada em valores e identidades. Os referidos autores consideram, dessa forma, o uso de textos orais para o processo de letramento em sala de aula, possibilitando o reconhecimento do contexto e, por consequência – consideramos –, um melhor caminho para promover a hibridização local/global de letramentos, atenuando a "marginalização das culturas locais" (p. 6).

É possível, assim, trabalhar com textos orais enquanto expressão de cultura popular no processo de letramento escolar. Esses são textos de caráter híbrido entre o escrito e o falado, e tem origem nas manifestações socioculturais de povos e comunidades específicas, cada qual a seu modo. Neles, sujeitos produzem textos orais a partir de sua visão de mundo e das estruturas antropológicas de seu contexto, portanto não necessariamente estamos falando de textos impressos, os quais, em alguns casos, já ocupam relativo espaço na sala de aula.

Como exemplos desses textos orais localizados na memória popular, e que pudemos constatar em nossas observações em campo, temos os cânticos religiosos, orações, poemas tradicionais, contos, lendas; incluímos aqui os chamados 'causos', que são histórias contadas pelos moradores que trazem em si formas de passar algum ensinamento para a vida através das gerações, e são contados por diferentes pessoas mantendo o mesmo sentido e "roteiro" da história, mesmo que contada por diferentes narradores. Tais textos, registrados no arcabouço da memória comunitária, são expressivos fatores de formação identitária, exercendo influência no cotidiano e práticas

socioculturais dos moradores, sendo inclusive, em certo ponto, norteadores de sua conduta e modo de vida, fazendo elos entre o real, o religioso e o 'encantado'. Reafirmando, esse arcabouço de textos orais e híbridos também diz sobre a identidade comunitária. Logo, uma escola que busque hibridizar dentro do processo de letramento as estruturas dominantes às vernaculares, deve visar e considerar a cultura da comunidade como mediadora do processo de letramento, tanto a partir de usos efetivamente escritos de textos quando de textos orais e híbridos apresentados pelos sujeitos em seu contexto.

Os processos de letramento da escola, para que surtam efeito, são, em certa medida, obrigados a se conectar com representações do contexto. Identificamos que na escola da Vila Intel, em alguns poucos momentos essa relação se consolida, provocando avanços no que poderia ser o caminho da construção e uma hibridização entre letramentos locais e globais, porém, em outros momentos, na maioria deles, ainda prevalece a passagem despercebida de oportunidades de promover esse movimento dialético, principalmente no ambiente escolar, quando os professores não identificam como válidos para eventos de letramento textos produzidos pelos alunos/moradores da comunidade e usados em práticas cotidianas. Esse caráter reafirma que as práticas e eventos de letramento significam ambientes de agências e negociações de identidades (Street, 2006), pois ao se tentar implantar um letramento de caráter autônomo que arrogue suposta universalização, sempre surgirão resistências a partir dos letrandos, tal qual pontua Cerutti-Rizzatti (2009).

Observando a dinâmica da escola, pôde-se identificar uma certa restrição a interações, o que, em alguma medida, pode ser explicada pelo fato de que os professores moram em área afastada da comunidade. Diante disso, concordamos com a autora supracitada ao registrar que para conhecer práticas de letramento de um núcleo é necessário "estar com eles em alguma medida", no sentido da convivência, e que caso contrário, poder-se-ia delinear "práticas de letramento locais provavelmente com base em estereótipos sobre comunidades [...], os quais grassam no senso comum". (P. 9).

Diante da experiência de conviver por algum período próximo à comunidade e ter tido a oportunidade de dialogar com educadores da escola

local, pudemos perceber que a instituição atua de uma forma ainda não tão sensível aos letramentos vernaculares, para que ocorra uma aproximação entre as práticas letradas dos dois âmbitos, é necessária maior permeabilidade às manifestações identitárias, sejam elas por meio de textos escritos, ou textos orais e híbridos. A própria observância quanto ao caráter do Projeto Político Pedagógico da escola pode oferecer caminhos para esta aproximação, podendo ser na medida do possível analisado e discutido junto à comunidade, afim de capturar quais as compreensões e propósitos emergem do espaço quanto ao que se entenda por elementos ligados ao processo de letramento escolar. As relações de pertencimento podem ser uma base para a superação de uma aprendizagem descontextualizada, podendo assim alcançar construções mútuas de identidades.

5 Considerações Finais

Buscamos com este trabalho elucidar compreensões acerca do letramento e enquanto práticas sociais desempenhadas por sujeitos e instituições em um contexto específico, no caso em apreço, o cotidiano da comunidade ribeira Vila Intel.

Na discussão aqui traçada, nos foi possível apreender que, tal qual as teorizações registram a respeito de grupos sociais específicos, os residentes desta unidade social, por meio de suas vivências, constroem cotidianamente suas práticas de letramento em uma interface com suas manifestações identitárias, que reafirmam sua existência em instâncias que vão além dos modelos que se arrogam dominantes, oriundos de instituições educacionais, que mesmo com suas particularidades em relação à escola urbana, ainda sim adota metodologias que evidenciam uma visão autônoma sobre o letramento.

Reforça-se, finalizando, a necessidade de compreender tais práticas em estrita relação com seu contexto fundante, compreendendo, consequentemente a língua fundada em seus usos, e não por meio de parâmetros apartados de aspectos socioculturais.

6 Referências

ARENZ, Karl Heinz. *Filhos e Filhas do Beiradão: A formação sócio-histórica dos ribeirinhos da Amazônia*. Santarém: Faculdades Integradas dos Tapajós – FIT, 2000.

CERUTTI-RIZZATTI, Mary Elizabeth. Letramento: um conceito em (des)construção e suas implicações/repercussões na ação docente em língua materna. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 6, n. 2, p. 1-15, jul./dez. 2009.

COLLINS, James. Práticas de letramento, antropologia linguística e desigualdade social: casos etnográficos e compromissos teóricos. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 41, n. spe, p. 1194-1211, dez. 2015.

EUZÉBIO, Michelle Donizeth. Letramento em foco: os usos da escrita em uma comunidade escolar em Florianópolis (SC). *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 12, p. 275-745, 2012.

FERREIRA, José Maria Damasceno. Entre o rio e a ponte: letras e identidades às margens do rio Acará, na Amazônia Paraense. 2012. 105f. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Linguagem e Cultura) – Centro de Ciências Humanas e Educação, Universidade da Amazônia, Belém, 2012.

FOSCACHES, Gabriel Valdez; RIOS, Guilherme Veiga. Discursos dominantes de letramento em questões de vestibular. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, v. 17, n. 3, p. 449-465, set./dez. 2017.

JUSTO, Márcia Adriana Pinto da Silva; RUBIO, Juliana da Alcântara Silveira. Letramento: o uso da leitura e da escrita como prática social. *Revista Eletrônica Saberes da Educação*, v. 4, n. 1, 2013.

KLEIMAN, Ângela. *Os significados do letramento: novas perspectivas sobre a prática social da escrita*. 6 ed. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

SÁ JÚNIOR, Lucrécio Araújo; MELLO, Beliza de Arruda. Etnografia e letramento: novos desafios para velhas memórias. *Horizontes (UnB)*, Brasília, v. 1, p. 1-9, 2008.

SARRAF-PACHECO, Agenor. Os estudos culturais em outras margens: identidades afroindígenas em “zonas de contato” amazônicas. *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*, Uberlândia, v. 9, n. 3, p. 17-58, set./dez., 2012.

SILVA, Jane Quintiliano Guimarães et al. Letramento e identidade: questões em estudo. *Scripta (PUCMG)*, Belo Horizonte, v. 17, n. 32, p. 9-22, jan./jul. 2013.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

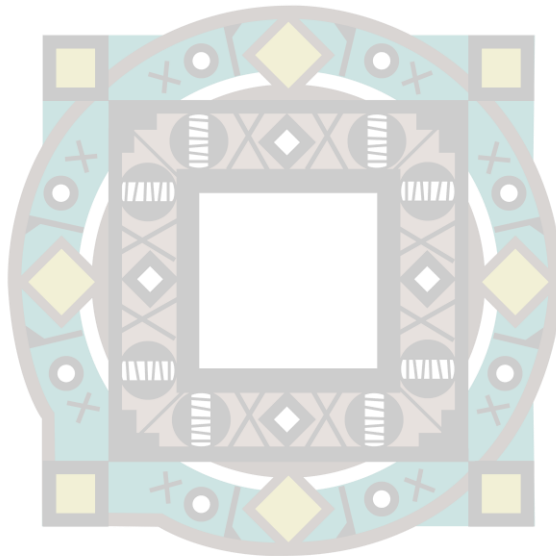
XI Encontro do Curso de Letras em Breves
Educação, Gênero e Etnia
30 e 31 de julho de 2019

SOUZA, Ana Lúcia Silva. Letramentos de Reexistência: culturas e identidades no movimento hip-hop. 2009. 90f. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

STREET, Brian V. *Social Literacies: critical approaches to literacy in development, ethnography and education*. Harlow: Longman, 1995.

_____. Perspectivas interculturais sobre o letramento. *Revista Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, n. 8, p. 465-488, 2006.

_____. *Literacy in theory and practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.



XI ECLEB